

Antes e depois de Bourdieu: a trajetória da sociologia da cultura no Brasil

Antes y después de Bourdieu: la trayectoria de la sociología de la cultura en Brasil

Before and after Bourdieu: the trajectory of the sociology of culture in Brazil

Maria Arminda do Nascimento Arruda*

Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil

arr@usp.br

ORCID: 0000-0002-1609-6743

João Rojek Halla

Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil

jrhalla@usp.br

ORCID: 0000-0001-6934-0968

Max Luiz Gimenes

Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil

max.gimenes@alumni.usp.br

ORCID: 0000-0002-0906-6837

Rachel Tomás dos Santos Abrão

Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil

rachelabrao@usp.br

ORCID: 0009-0001-3741-8369

Citar como: M. A. do N. Arruda *et al.* (2026). Antes e depois de Bourdieu: a trajetória da sociologia da cultura no Brasil. *Desde el Sur*, 18(1), e0002.

RESUMO

A relevância da obra de Pierre Bourdieu para a sociologia contemporânea é inquestionável. No caso específico da sociologia da cultura no Brasil, essa importância é igualmente notável e remonta ao programa de internacionalização da sociologia bourdieusiana e sua recepção no país através de alguns mediadores e mediadoras na sociologia nacional a partir dos anos 1970, especialmente em São Paulo. Baseando-se na revisão da literatura disponível e na discussão coletiva da experiência dos autores em pesquisas com objetos culturais diversos (pensamento social, literatura, cinema, música), este texto busca oferecer um

* Autor corresponsal: Maria Arminda do Nascimento Arruda, Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil. Correo: arr@usp.br

panorama crítico sobre a formação e a trajetória da sociologia da cultura no Brasil, que pode ser organizada em dois momentos: um antes e um depois da referida recepção de Bourdieu. Com isso, pretende-se problematizar essa ruptura e refletir a respeito da importância de tal referência teórica para a área no país, apontando seus méritos, como por exemplo a contribuição para a expansão e consolidação das pesquisas, bem como seus limites analíticos, como a tendência à secundarização das formas e linguagens específicas a cada objeto cultural.

PALAVRAS-CHAVE

Sociologia da cultura, Pierre Bourdieu, sociologia brasileira, história das ciências sociais

RESUMEN

La relevancia de la obra de Pierre Bourdieu para la sociología contemporánea es indudable. En el caso específico de la sociología de la cultura en Brasil, esta importancia es igualmente notable y se remonta al programa de internacionalización de la sociología bourdieusiana y su recepción en el país, a través de algunos mediadores y mediadoras en la sociología nacional desde la década de 1970, especialmente en São Paulo. Basándose en la revisión de la literatura disponible y en la discusión colectiva de la experiencia de los autores en investigaciones con objetos culturales diversos (pensamiento social, literatura, cine, música), este texto busca ofrecer un panorama crítico sobre la formación y la trayectoria de la sociología de la cultura en Brasil, que puede ser organizada en dos momentos: un antes y un después de la referida recepción de Bourdieu. Con ello, se pretende problematizar esta ruptura y reflexionar sobre la importancia de tal referencia teórica para el área en el país, al señalar sus méritos, como, por ejemplo, la contribución para la expansión y consolidación de las investigaciones, al igual que sus límites analíticos, como la inclinación a la secundarización de las formas y los lenguajes específicos de los objetos culturales.

PALABRAS CLAVE

Sociología de la cultura, Pierre Bourdieu, sociología brasileña, historia de las ciencias sociales

ABSTRACT

The relevance of Pierre Bourdieu's work for contemporary sociology is undeniable. In the specific case of the sociology of culture in Brazil, this importance is equally notable and dates back to the internationalization program of Bourdieusian sociology and its reception in the country through some mediators in national sociology from the 1970s onwards, especially in São Paulo. Based on a review of the available literature and on the collective discussion of the authors' experience in research with diverse cultural objects (social thought, literature, cinema, music), this text seeks to offer a critical overview of the formation and trajectory of the sociology of culture in Brazil, which can be organized into two moments: a before and an after of Bourdieu's reception. In doing so, it aims to problematize this rupture and reflect on the importance of such theoretical reference for the field in the country, pointing out its merits, such as the contribution to the expansion and consolidation of research, as well as its analytical limits, such as the tendency to relegate specific forms and languages of each cultural object.

KEYWORDS

Sociology of culture, Pierre Bourdieu, Brazilian sociology, history of social sciences

Introdução

A relevância da obra de Pierre Bourdieu para a sociologia contemporânea é inquestionável. No caso específico da *sociologia da cultura no Brasil*, que é um caso particular na América Latina dado seu desenvolvimento precoce (Alonso e Pinheiro Filho, 2017), essa importância é igualmente notável e remonta ao programa de internacionalização da sociologia bourdieusiana e sua recepção no país através de alguns mediadores e mediadoras na sociologia nacional a partir dos anos 1970, especialmente em São Paulo. Com o objetivo de oferecer um panorama crítico sobre a formação e a trajetória da sociologia da cultura no Brasil, este artigo percorre o seguinte caminho expositivo: 1) reconstrução de sua formação («Antes de Bourdieu»); 2) reconstituição da recepção da obra bourdieusiana na sociologia brasileira («A recepção de Bourdieu»); 3) mapeamento das principais repercussões dessa recepção na sociologia da cultura, tendo como eixo a figura de Sérgio Miceli («Depois de Bourdieu»). Para tanto, este trabalho se baseia na revisão da literatura sobre a história das ciências sociais

no Brasil e na discussão coletiva de experiências diversas de pesquisa dos autores com objetos culturais (pensamento social, literatura, cinema, música). Ao final, pretende-se sugerir uma problematização sobre a ruptura ocorrida, reconhecendo a importância da referência teórica bourdieusiana para a área no país e refletindo sobre seus méritos e limites analíticos.

Antes de Bourdieu

No Brasil, costuma-se admitir como pontapé inicial para a formação de uma sociologia *propriamente dita* da cultura —ou seja, de um modo de produção de conhecimento sobre essa temática segundo as modernas exigências da pesquisa científica, lastreada em fundamentação teórica, investigação empírica e delimitação do objeto— o pioneiro programa de pesquisa de Roger Bastide em sociologia da arte, ou «sociologia estética», no âmbito do que então se chamava de «sociologias especiais» (Candido, 1954), ou seja, aquelas que escapavam às grandes classificações de teoria sociológica ou de sociologia aplicada aos problemas sociais. Embora em sentido mais amplo, como se sabe, os estudos em perspectiva histórico-sociológica sobre a cultura brasileira sejam mais antigos, com a questão da identidade nacional ocupando a reflexão desde pelo menos a Independência no século XIX —como, por exemplo, na obra do polígrafo Sílvio Romero, cuja *Introdução à história da literatura brasileira* (1881) é considerada a «primeira manifestação» da sociologia no Brasil (Candido, 2006)—, até culminar, entre as décadas de 1930 e 1940, nos ensaios clássicos dedicados ao problema da formação da nação, como por exemplo em *Casa-grande e senzala* (1933), de Gilberto Freyre, *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda, e *Formação do Brasil contemporâneo* (1942), de Caio Prado Jr. (Candido, 1995; Cardoso, 1993; Arruda, 2004).

O programa de Bastide, que teve início com um curso de graduação ministrado em 1940, encontra-se publicado no livro *Arte e sociedade* (1945), que segundo o autor é um «resumo muito sintético» do curso traduzido pela sua então assistente, Gilda de Mello e Souza (Bastide, 1945). Como se sabe, o francês esteve à frente da cadeira de Sociologia I da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo entre 1938 e 1954, sucedendo o catedrático anterior, Claude Lévi-Strauss, no âmbito das missões de professores estrangeiros trazidos ao país pelas elites paulistas, após sua derrota política em 1932, com o objetivo de formar intelectualmente líderes para retomar a liderança nacional perdida (Candido, 1954). Com a formação das primeiras turmas segundo os modernos padrões científicos referidos acima, foi dado um passo decisivo na história da sociologia no país, cuja recepção até então, realizada sobretudo por

juristas, fora marcada por um viés mais especulativo e retórico (Candido, 1954 e 2006).

Considerado por um lado como herdeiro direto da «escola francesa» e do «projeto durkheimiano de uma sociologia das representações coletivas» (Alonso e Pinheiro Filho, 2017), por outro lado Bastide ficou conhecido também por seu «pluralismo» (Braga, 2000). Sua perspectiva sobre a cultura pode ser considerada mais «antropológica» (Mello e Souza, 2008), ou seja, interessada menos em ideais universais e mais em modos de vida particulares e suas expressões, sobretudo aqueles diferentes de sua cultura europeia de origem, o que pode ser observado em seu objeto principal de estudo, ao lado da arte e da psicologia social: a cultura afro-brasileira. Durante o período em que esteve à frente da cadeira de Sociologia I, e no espírito do modernismo da época, estimulou seus alunos a conhecerem o próprio país, que ainda mal conheciam. Além disso, soube acolher a diversidade da nova geração de cientistas sociais que estava ajudando a formar, desde aqueles que se colocaram numa posição de colaboração, como Antonio Candido e Florestan Fernandes (então assistentes da cadeira de Sociologia II, regida por Fernando de Azevedo), até aquelas que assumiram a posição de discípulas, como suas então assistentes Gilda de Mello e Souza e Maria Isaura Pereira de Queiroz (Braga, 2000).

Dentre essa nova geração, no que diz respeito ao *recorte mais específico da cultura como objeto de estudo*, destaca-se o grupo reunido em torno da revista *Clima*, publicada entre 1941 e 1944, cuja divisão do trabalho em seu interior definiu a área de especialização em que cada um de seus membros se consagraria depois na crítica cultural brasileira (Pontes, 1998), como Antonio Candido na seção de livros (literatura e pensamento social), Lourival Gomes Machado na seção de artes plásticas, Paulo Emílio Salles Gomes na seção de cinema e Décio de Almeida Prado na seção de teatro. Ruy Coelho e Gilda de Mello e Souza, que também faziam parte do grupo, colaboravam igualmente com a revista, porém sem seção fixa. O grupo de *Clima* —que também reconhecia sua dívida para com Sérgio Milliet (Candido, 2002), modernista da geração anterior que atuava como professor na Escola Livre de Sociologia e Política e como jornalista de *O Estado de S. Paulo*, além de ser crítico literário— reuniu-se por causa de um outro professor da chamada «missão francesa»: Jean Maugüé, catedrático de Filosofia. Em suas aulas, rememoradas por seus ex-alunos como um «acontecimento», Maugüé ensinava os estudantes a refletir sobre a realidade através da análise de obras culturais do momento, tendo a filosofia como *ponto de vista*. É justamente essa ideia que seria incorporada pelos jovens da revista para a análise de obras culturais. Esse ponto de vista, contudo, acabaria sendo mais sociológico do que filosófico, pois

na modernidade o ponto de vista «ontológico» da filosofia estaria sendo substituído pelo sociológico, e nesse sentido uma concepção ampla de sociologia poderia entendê-la segundo três dimensões: como ponto de vista, inclusive para as outras áreas; como técnica social, para aplicar a sociologia ao tratamento dos problemas sociais; e como ciência propriamente dita (Candido, 1949).

Com o retorno de Bastide para a França, em 1954, e sua escolha por Florestan Fernandes para sucedê-lo na cadeira de Sociologia I, que era então o polo acadêmico dominante da sociologia uspiana em relação à cadeira de Sociologia II de Fernando de Azevedo (Santos, Gimenes e Jackson, 2019), a cultura como objeto específico de estudo perdeu espaço em prol de um programa de sociologia do desenvolvimento conduzido de maneira ortodoxa pelo novo responsável da cadeira (Jackson, 2007). Desse modo, os membros de *Clima* acabaram se dispersando para outras áreas, para as quais, em maior ou menor medida, levaram aquele *ponto de vista sociológico*: Lourival ficou na cadeira de política da USP, onde publicou trabalhos relacionando teoria política e artes plásticas; Candido foi para a cadeira de literatura brasileira da Faculdade de Filosofia de Assis e depois retornou à USP com a criação da cadeira de Teoria Literária e Literatura Comparada, formando discípulos como Roberto Schwarz; Gilda foi para a disciplina de Estética na cadeira de Filosofia da USP, publicando estudos variados sobre literatura, cinema e artes plásticas, além de seu estudo pioneiro sobre a moda, realizado ainda sob orientação de Bastide; Décio foi para a Escola de Arte Dramática vinculada à USP, dando continuidade ao seu interesse pelo teatro brasileiro, migrando depois para a cadeira de literatura brasileira da USP; Paulo Emílio participou da criação do curso de cinema da UnB até ser demitido, em 1965, em função da ditadura instalada no país no ano anterior, e lecionou cinema na USP, primeiramente na cadeira de Teoria Literária e Literatura Comparada, por intermédio de Candido, e depois na Escola de Comunicação e Artes, além de ter ajudado a criar a Cinemateca Brasileira e de ter formado discípulos como Ismail Xavier; por fim, Ruy, o mais jovem e menos especializado dos críticos da revista, ingressou tardiamente na USP, após estudar antropologia nos EUA e atuar como pesquisador em instituições internacionais, primeiramente como assistente e depois como catedrático da cadeira de Sociologia II (Pulici, 2008), notabilizando-se pelo estudo de outras culturas, como os caríbas negros de Honduras (Ramassote, 2022).

Nesse sentido, por mais paradoxal que possa parecer, o estudo moderno de obras culturais no Brasil de um ponto de vista sociológico floresceu à margem dos limites da sociologia acadêmica, beneficiando-se disso. Desse modo, pôde se esquivar da necessidade de afirmação da sociologia

como ciência propriamente dita em sua fase inicial e assim preservar seu caráter necessariamente interdisciplinar e ligado à análise das diferentes linguagens. Já para essa fase de afirmação científica da sociologia no Brasil, o nome mais adequado, tanto temática quanto metodologicamente, era mesmo o de Florestan Fernandes, como se concretizou depois na chamada «escola paulista» de sociologia (Arruda, 1995). No caso da cultura, como reconhecia o próprio Bastide, a sociologia deixava de ser «fim» para se tornar «meio», ou seja, um ponto de vista sociológico para a análise das obras.

Com a aposentadoria compulsória de Florestan pelo regime militar brasileiro alguns anos depois, em 1969, abriu-se novamente espaço para uma maior diversidade temática e teórico-metodológica no interior da sociologia, o que se manifestou inicialmente, no que diz respeito ao objeto cultural, em estudos sobre indústria cultural baseados na Escola de Frankfurt e sobre intelectuais baseados em Gramsci (Alonso e Pinheiro Filho, 2017). Por conta da ditadura, a sociologia deixava de lado o caminho da autonomização no sentido de uma maior politização contra o autoritarismo político do regime, para o que a referência teórica marxista era bastante compatível, por definição mais politizada. Sendo assim, a obra de Bourdieu, quando chegou ao Brasil no final dos anos 1960 e início dos anos 1970, encontrou esse cenário e concorreu com o marxismo, impondo-se por fim, beneficiada também pelo movimento internacional no sentido de uma maior especialização e despolitização da sociologia, ditado pelo financiamento estrangeiro de pesquisas no contexto da Guerra Fria e, depois, pelo processo de redemocratização do país e pelo próprio declínio da URSS.

A recepção de Bourdieu

Reconstruir os caminhos que permitiram a entrada dos textos de Pierre Bourdieu no Brasil é também entender o processo de consagração do autor no país. Se o sociólogo francês se tornou o autor estrangeiro atualmente mais lido e citado na área das ciências sociais brasileiras (Campos e Szwako, 2020), isso se relaciona diretamente com o contexto e as trajetórias dos acadêmicos que incorporaram e difundiram sua obra a partir do final dos anos 1960.

Para tratar desse momento, ainda muito inicial da recepção da obra de Bourdieu no Brasil, será necessário voltar à já mencionada figura de Roger Bastide. Como afirma Fernando Pinheiro Filho (2009), muito provavelmente o Brasil foi apresentado a Pierre Bourdieu quase uma década antes de ele ser apresentado ao Brasil visto que, em 1961, o sociólogo publicou

uma resenha do livro *Les religions africaines au Brésil* de Bastide (publicado em 1960) no primeiro número da revista *L'Homme*.

Porém, seu contato direto com pesquisadores brasileiros teria início somente no final da década, quando, no momento de expansão do sistema universitário brasileiro, muitos pós-graduandos saíram do país com bolsas para pesquisar no exterior. Se Luiz Carlos Jackson e Alejandro Blanco (2014) dividem o processo histórico de institucionalização das Ciências Sociais no Brasil em três fases —a saber: fundação (entre 1930 e 1964), expansão (1964 até meados de 1985) e especialização (pós-1985)—, a promoção e divulgação do cabedal teórico bourdieusiano no país deve ser localizada durante o momento da «expansão».

Sem adentrar na discussão acerca da especificidade da ditadura militar brasileira —em comparação com os processos ditatoriais de países vizinhos, como a Argentina e o Chile—, notamos aqui uma de suas características mais peculiares: o investimento na formação e na pesquisa universitárias, coexistindo com um ambiente repressivo e autoritário de perseguição a docentes e discentes. Ou seja, ao mesmo tempo em que se incentivava a multiplicação de cursos de graduação e pós-graduação pelo país, favorecidos por uma política de financiamento —público e privado— à pesquisa, carreiras de intelectuais reconhecidos e já estabelecidos foram interrompidas compulsoriamente —além de Florestan Fernandes, também Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni, Paula Beiguelman, Bento Prado Jr., entre outros. Portanto, é neste momento que «um contingente expressivo de pós-graduandos da geração foi estudar no exterior» (Miceli, 2021). Essa breve contextualização se faz necessária já que «o tratamento da recepção de autores e ideias em contextos diversos à origem não se realiza de forma simples, tampouco descontextualizada, mas antes responde às injunções do meio e se adequa às questões particulares de contexto» (Arruda, 2022, p. 13).

De tal modo, essa geração de pós-graduandos é composta por *mediadores* que introduziram novos autores e perspectivas teórico-metodológicas ainda não exploradas no campo de produção intelectual local. Assim, a inserção de Pierre Bourdieu no contexto acadêmico nacional não se daria de outra maneira, aterrissando em solo brasileiro por meio daqueles mediadores que travaram contatos com o sociólogo francês por meio de suas experiências de pesquisa no exterior. Por esse motivo, Bortoluci *et al.* (2015) afirmam que a incorporação do arcabouço teórico bourdieusiano no Brasil se deu «pelas margens», por agentes ainda em formação que tiveram que disputar espaço num contexto dominado pela hegemonia marxista —conforme já indicado. Muito embora Maria Eduarda da Mota Rocha (2022, p. 36) acrescente e tensione que, apesar de ter sido pelas

margens, essa recepção do autor ocorreu via «jovens bem aparelhados para alcançar o centro».

A primeira publicação de um texto de Pierre Bourdieu no Brasil foi possível graças à mediação de Moacir Palmeira, que traduziu o texto «Champ intellectuel et projet créateur», originalmente publicado na revista *Le temps modernes*, em 1966. Com o título «Campo intelectual e projeto criador», este artigo de Bourdieu integra o compilado de textos do livro *Problemas do Estruturalismo*, publicado pela Editora Zahar, em 1968. A partir de então outros textos do sociólogo francês passariam a ser publicados no país, sempre por incentivo desses jovens mediadores.

Portanto, como afirmamos no início, se buscamos entender a recepção da obra do sociólogo que se tornaria o autor estrangeiro mais citado na área, é necessário rastrear os caminhos percorridos por esses agentes transmissores da teoria no país. Em seu livro, Rocha (2022) traça esse percurso a partir de um leque bastante amplo de agentes, mapeando todas as figuras que contribuíram com o processo de incorporação do *modus operandi* de investigação bourdieusiana no Brasil. Aqui trataremos apenas de alguns desses mediadores, apresentando «trajetórias-chave» para a compreensão desse processo. Assim, retomando a figura de Moacir Palmeira, notamos como seu percurso esbarra na de outros importantes mediadores já no período da graduação. Moacir entrou no curso de sociologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em 1961, três anos antes de Sérgio Miceli, Lygia Sigaud e Afrânio Garcia —este último, na verdade cursava Economia, mas circulava pela mesma faculdade. Em 1966, Palmeira consegue uma bolsa para estudar na França e acaba fazendo o doutorado por lá, entrando em contato com a obra de Bourdieu já no momento da escrita de sua tese. A incorporação, ainda que discreta, das premissas do autor francês no trabalho de Moacir Palmeira revelam um traço importante do pensamento bourdieusiano que foi muito bem recebido na área acadêmica da antropologia: a preocupação com a fundamentação empírica da pesquisa.

Além disso, Rocha (2022) aponta outros elementos presentes no clima intelectual brasileiro que favoreceram essa recepção: uma formação acadêmica de herança francesa (principalmente no caso da Universidade de São Paulo), a possibilidade de uma teoria alternativa à hegemonia marxista e esse enfoque na pesquisa empírica (em confluência com os esforços de Florestan Fernandes). A partir de 1971, Palmeira se tornaria professor no recém-formado Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (PPGAS-MN-UFRJ), passando a formar novos pesquisadores, agora munidos do manancial teórico-metodológico

de Pierre Bourdieu, notadamente no que tange às investigações sobre classes populares e rurais.

Assim, a primeira incorporação da obra de Bourdieu no Brasil não se deu na sociologia paulista, dominante até então, mas a partir de um novo programa de pós-graduação (Museu Nacional - RJ) e de uma disciplina (antropologia), que nesse momento ascendiam e se institucionalizavam no panorama das ciências sociais brasileiras (Bortoluci *et al.*, 2015).

Além de Moacir Palmeira, outras figuras, pertencentes a essa incorporação mediada pelo *polo do Rio de Janeiro*, atuaram como importantes disseminadores da obra de Pierre Bourdieu no Brasil; como Lygia Sigaud, Afrânio Garcia Jr., Marie France Garcia-Parpet, José Sérgio Leite Lopes, Rosilene Alvim e Beatriz Heredia. Esses pesquisadores vinculados ao Museu Nacional desenvolveram, a partir de uma utilização bastante própria do pensamento de Bourdieu, características comuns: a etnografia de longa duração e a ênfase no trabalho coletivo (Rocha, 2022).

A segunda publicação de Pierre Bourdieu no Brasil ocorreu devido ao empenho daquele que se tornaria seu principal mediador e único orientando brasileiro direto: Sérgio Miceli. Após discutir e negociar com o sociólogo francês os textos a serem lançados na coletânea, o livro *A economia das trocas simbólicas* foi publicado pela editora Perspectiva em 1974. Com tradução e organização de Miceli, este também escreveu um texto de apresentação no livro em que coloca a teoria bourdieusiana em diálogo com os clássicos da sociologia, intitulado «A força do sentido», que foi muito bem recebido. Formado em sociologia pela PUC-Rio, Miceli teve um grupo de estudos durante a graduação em que discutiam textos estruturalistas e publicações da revista *Les temps modernes* —inclusive foi assim que se deparou pela primeira vez com um texto de Bourdieu.

Após a realização do mestrado na Universidade de São Paulo e de ter publicado a coletânea pela editora Perspectiva, o sociólogo carioca vai realizar seu doutorado em Paris sob orientação direta de Bourdieu. De acordo com Rocha (2022, p. 117), «a tese de Miceli foi um momento importante da legitimação da perspectiva bourdieusiana na análise sociológica da cultura brasileira». Intitulada *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*, a tese foi publicada em 1979 e teve um forte impacto no campo da sociologia da cultura do país, pois desenhava clivagens importantes com a geração anterior (com Antonio Candido e seus já mencionados colegas da revista *Clima*), reforçando a voltagem weberiana da obra de Pierre Bourdieu. Portanto, enquanto a incorporação do pensamento bourdieusiano no Rio de Janeiro ocorre por meio de figuras essenciais para

a formação da pós-graduação em antropologia, no caso de São Paulo, a absorção desse campo teórico se dá através de um sociólogo uspiano que se tornaria central na área da sociologia da cultura.

Por fim, outra figura importante nesse momento de recepção dos textos do autor francês no Brasil foi Renato Ortiz. Egresso da Universidade de São Paulo, onde não terminou o curso de graduação, Ortiz decide sair do Brasil durante a ditadura e acaba por terminar o curso na França, com mestrado e doutorado pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales* — EHESS, sob orientação de Edgar Morin e Roger Bastide, respectivamente (Ortiz, 2006). Já de volta ao Brasil, em 1983, o jovem sociólogo formado na França conseguiu incluir textos de Pierre Bourdieu na consagrada coletânea comandada por Florestan Fernandes — a coleção *Grandes Cientistas Sociais*. Nesse momento, ainda pairava certa desconfiança com os trabalhos mais bourdieusianos devido à já referida hegemonia marxista em voga no período, e para garantir a inclusão do texto na publicação, Renato Ortiz acaba escrevendo uma introdução que agradou figuras como Florestan Fernandes e desagradou representantes mais diretamente ligados a Bourdieu, afastando da sua trajetória um maior reconhecimento por parte desse grupo.

Além das figuras de Sérgio Miceli e Renato Ortiz, outros relevantes mediadores contribuíram para a inserção do pensamento de Pierre Bourdieu no *ramo paulista*. Não sendo possível traçar aqui todas essas trajetórias, até mesmo porque este trabalho já foi muito bem realizado por Maria Eduarda da Mota Rocha (2022), apenas mencionamos outros importantes mediadores, como: Maria Andrea Loyola, José Carlos Durand, Maria Rita Loureiro, Afrânio Catani e Arakcy Rodrigues.

Vale lembrar que, embora Bourdieu jamais tenha visitado o país, a sua significativa inserção no campo acadêmico brasileiro foi possível também pela recepção desses pesquisadores na França, que teceram relações profundas com o grupo de pesquisa local. Além disso, é de suma importância o fato de que alguns deles tiveram seus textos publicados na reconhecida revista *Actes de la recherche en sciences sociales*. Por último, não podemos deixar de mencionar a figura da francesa Monique Saint Martin, que se tornou uma espécie de «emissária a sondar pesquisas que tivessem afinidade com a perspectiva bourdieusiana» no Brasil (Rocha, 2022, p. 59). Saint Martin visitou o Brasil em 1976, transformando-se nessa ponte fundamental da relação entre o sociólogo francês e os brasileiros. Assim, o lado francês também demonstrava interesse em fortalecer vínculos com o nosso campo acadêmico, consolidando o programa de internacionalização bourdieusiano por meio de convites e intercâmbios constantes com pesquisadores cujos trabalhos fossem considerados relevantes.

Se Afrânio Catani (2025) aponta para uma recepção tardia das ideias de Bourdieu no campo da educação, na área da sociologia da cultura, principalmente na USP, talvez essa inserção tenha sido calibrada principalmente com a incorporação de Sérgio Miceli ao corpo docente desta universidade. De acordo com José Leite Lopes (2013, p. 54), referindo-se ao texto de Pinheiro Filho (2009):

Apesar de ter havido uma incorporação das obras de Bourdieu inicialmente entre uma parte dos antropólogos do Museu Nacional, a USP e seu entorno em São Paulo teriam melhores condições para a recepção durável da obra de Bourdieu após sua introdução pelas iniciativas editoriais de Miceli e por seu trabalho de pesquisa e ensino próprios.

Depois de Bourdieu

A sociologia bourdieusiana foi, portanto, influente para a sociologia da cultura no Brasil —ou, ao menos, sob o léxico endêmico, para sua face mais consagrada. Como vimos, a obra de Sérgio Miceli, nesse sentido, parece-nos reveladora e exemplar desse processo. Sob sua batuta, o pensamento bourdieusiano tomou corpo próprio e vultuoso, relativamente aclimatado aos objetos da vida intelectual e artística brasileira.

Conforme ressaltado por Alonso e Pinheiro Filho (2017, p. 270), a sociologia da cultura é, já há décadas, o espaço privilegiado para a assimilação de Bourdieu no Brasil. Segundo Fernandes (2017), de fato, «a sociologia da cultura *stricto sensu*» (ou seja, sua versão disciplinar e institucionalizada, tratada como subárea oficial e especializada da sociologia) teve Bourdieu como inspirador e Sérgio Miceli como figura paroxística. Para ele, o arcabouço teórico inicial da sociologia da cultura no Brasil assentava-se no «marxismo ocidental» (também malogradamente chamado, no texto, de «marxismo cultural»), representado pelos herdeiros de Antonio Candido e pelas leituras frankfurtianas na sociologia da USP. Sua autonomização, no entanto, foi paralela —e até mesmo devedora— de um abandono dessa fidelidade teórica, exitosamente substituída pela leitura de Bourdieu¹. Também Arruda (2001, 2004) e Alonso e Pinheiro Filho (2017) salientam esse movimento, semelhante ao distanciamento, também registrado nessa subárea, dos ensaios de interpretação do Brasil, fortemente marcados por uma análise mais ampla e abrangente da noção de cultura.

1 Miceli (2003a, p. 64), em plano mais geral e panorâmico da sociologia da cultura contemporânea, também aponta esse contraste e, na prática, relativa substituição dos paradigmas marxistas de crítica da cultura pelas ideias de Bourdieu —destacadamente, as noções de campo e *habitus*. Para a sugestão de um outro enquadramento analítico possível à sociologia a partir de Bourdieu, que desloca a centralidade do campo para a experiência dos agentes, ver Moraes (2025).

Por meio de correspondências e trocas diretas, Miceli traduziu e publicou textos inéditos do francês, compilados aqui sob o título *Economia das trocas simbólicas*, de 1974 —como vimos, um importante passo na circulação e recepção de Bourdieu no Brasil. A partir daí, como colocado por Arruda (2001, 2004), Fernandes (2017) e Alonso e Pinheiro Filho (2017), Sérgio Miceli erigiu obra própria, de feito particular, centrado no campo intelectual e artístico brasileiro e na trajetória de diferentes figuras do modernismo nacional e latino-americano. Sua já mencionada tese de doutorado, *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)* (Miceli, 2001), foi paradigmática no percurso do autor e da área que redefiniu, bem como do desenho bourdieusiano desde então empregado (Arruda, 2001; Alonso e Pinheiro Filho, 2017; Fernandes, 2017; Bortoluci *et al.*, 2015; Rocha, 2022). Como retomado por Arruda (2001, pp. 104-105) e Fernandes (2017, pp. 126-127), a obra inovou ao centralizar a trajetória dos intelectuais, suas posições de classe e inserções sociais e as idiosincrasias do campo intelectual e literário.

Como programático da sociologia da arte de Bourdieu, deslocou-se o eixo analítico: ao invés da atenção aos elementos estéticos e, deles, aos fenômenos sociais formalizados —como, decerto, preconizado por Candido, Schwarz e a tradição marxista de crítica cultural—, sobrepujou-se a análise «externa», mais sensível às práticas e trajetórias dos agentes. Deve-se ressaltar que Miceli, mesmo quando se rende aos pormenores formais e à análise das linguagens artísticas², o faz sob um princípio de Bourdieu, para o qual, como no caso de sua análise de Flaubert (Bourdieu, 2000), a narrativa literária é sugestiva da posição de seu autor no espaço social. Nesses casos em que a crítica «interna» é também adotada, importa ao sociólogo, portanto, não a estrutura social configurada (Candido, 2023) ou o conteúdo histórico decantado (Adorno, 2008), mas as relações dos agentes com seus pares e seu campo específico de atuação, como feito de maneira modelar em, por exemplo, Miceli (2003b, 2007, 2018, 2021).

Maria Arminda do Nascimento Arruda —para Bortoluci *et al.* (2015), uma das principais responsáveis pela consolidação da sociologia da cultura na USP— é um caso particular e, ao mesmo tempo, muito sugestivo da trajetória da área no Brasil. Contemporânea de Miceli e, a partir do final da década de 1980, uma de suas parceiras intelectuais, sua obra —cujas inspirações refletem o próprio processo proteiforme de autonomização da área— também foi, segundo ela mesma (Arruda, 2006), marcada pela

2 Dentre as quais destacamos as descrições pictóricas de *Nacional estrangeiro* (Miceli, 2003b), obra comentada por Arruda (2001), além das análises da poesia de Drummond em *Lira mensageira* (2022).

recepção de Bourdieu. Basta ver os contrastes: seu primeiro artigo, de 1975, escrito em parceria com Gisela Goldenstein, é uma crítica de orientação marxista ao primeiro livro de Miceli, *Noite da madrinha* (Arruda e Goldenstein, 1975). Seu mestrado, feito entre 1971 e 1978, é marcado pela economia política de Marx e pela obra de Adorno e Horkheimer —introduzida, no curso de sociologia, por Gabriel Cohn, seu então orientador— a respeito da cultura e da publicidade sob o capitalismo (Arruda, 2015a). Seu doutorado, por sua vez, escrito entre 1980 e 1986, mantém as largas referências a Adorno, Marx, Lukács, Horkheimer, somadas, no entanto, a variadas teorias sociológicas, ao pensamento social brasileiro e a diferentes tradições críticas (Arruda, 2024).

Já sua tese de livre-docência (Arruda, 2015b), defendida em 2000 e primeiramente publicada em 2002 —escrita, portanto, durante e depois de sua aproximação com Sérgio Miceli—, inspira-se em Schorske e, embora mantenha certo «idioma adorniano» (Miceli, 2015), afasta-se de referências explícitas e diretas à tradição dialética. Ao mesmo tempo, destacam-se, no livro, a análise e citações da crítica cultural brasileira, mobilizadas para interpretação dos objetos culturais estudados, em diálogo com a tradição anterior de Antonio Candido, Roberto Schwarz, João Luiz Lafeté, Davi Arrigucci Júnior, Décio de Almeida Prado etc. A presença de Bourdieu e a influência de Miceli tornam-se, pela primeira vez, de fato evidentes.

Desde então, a obra de Maria Arminda do Nascimento Arruda passou a esquivar-se de definições precisas e filiações intelectuais rígidas. A autora, de declarada formação marxista e inspiração da teoria crítica frankfurtiana e da crítica literária brasileira (notadamente, aquela encampada por Antonio Candido e seus herdeiros), incorporou algumas ferramentas de Bourdieu aos seus empreendimentos sociológicos (Arruda, 2006; Bortoluci *et al.*, 2015). O esquema do francês, contudo, não é particularmente protagonista.

Conforme a bibliometria de Farias *et al.* (2020), o nome de Pierre Bourdieu é o mais citado dentre as referências teóricas e metodológicas dos artigos de sociologia da cultura publicados no Brasil entre 2008 e 2018. O autor brasileiro mais citado, de acordo com a pesquisa, é Sérgio Miceli, muito à frente dos nomes que o seguem (quais sejam, Heloísa Pontes, Roberto Schwarz, Renato Ortiz e Maria Arminda do Nascimento Arruda). Dentre os objetos de pesquisa e as técnicas empregadas, encontra-se, também em compasso com o pensamento bourdieusiano, a reconstrução de trajetórias.

Segundo o mesmo levantamento (Farias *et al.*, 2020), a maioria expressiva dos artigos de sociologia da cultura publicados nos periódicos

acadêmicos selecionados é de autoria de pesquisadores da USP. Essa filiação institucional pode, com efeito, indicar a vitalidade da área nessa Universidade que, como assertamos, reflete a importância de Miceli e, por consequência, de Bourdieu, no estabelecimento de uma escola de reflexão sociológica. A matriz formativa *uspiana* não é capaz de abreviar, decerto, a variedade que gerou: no caso de Miceli, seus orientandos³ e interlocutores espalharam-se pelas universidades brasileiras e tornaram-se docentes em diferentes regiões e estados do país. Não deixa, no entanto, de ser excepcionalmente sugestiva (para nós, o caso mais ilustrativo) do processo que analisamos⁴.

Foram muitos, portanto, os autores formados ou influenciados por Sérgio Miceli, em torno do qual, arrisca-se dizer, formou-se uma rede ampla e fiel de discípulos. Variadas obras, pois, embeberam-se de suas propostas analíticas. Das mais recentes, pode-se destacar o livro *O mago, o santo, a esfinge* (2024), de Fernando Pinheiro, também seu ex-orientando e professor da Universidade de São Paulo. Derivada de sua livre-docência, a obra incorpora, ainda que discretamente, parte importante dos pressupostos bourdieusianos de análise do campo literário, manejados de forma própria e original (Costa, Halla, Gimenes e Abrão, 2025). O remate é uma sólida pesquisa do campo literário nacional, de seus mecanismos de consagração, de suas estratégias de escritor e escritura (todos termos afeitos ao esquema de Bourdieu) e das relações e interações dos agentes intracampo autonomizado, sobre o qual informam as qualificadas análises formais, como no já pontuado caso de Miceli.

Como uma sociologia propriamente dos intelectuais, pode-se destacar, no caso da USP, Luiz Carlos Jackson, listado como um dos autores que mais publicou artigos de sociologia da cultura entre 2008 e 2018 (Farias *et al.*, 2020). Nos diversos textos e cursos do docente, é notório o enfoque no estudo das trajetórias intelectuais e na análise do campo intelectual brasileiro e latino-americano em perspectiva comparada, em consonância com as tendências teóricas e metodológicas da área (Jackson e Barbosa, 2017), como se observa, por exemplo, em *Sociologia no espelho*:

3 Somados os níveis de mestrado e doutorado, Miceli orientou 52 pesquisas, segundo seu Currículo Lattes, consultado em setembro de 2025. Sua influência no campo da disciplina é refletida pelos temas e recortes de seus orientandos, bem como pela abordagem adotada. Ademais, as universidades nas quais esses ex-orientandos lecionam (da região Sul à Norte, passando pelo Sudeste e Nordeste do país) demonstram o referido alastramento. Para uma lista parcial dos nomes, ver Fernandes (2017, p. 129).

4 Isso não exclui a existência e relevância de outras perspectivas analíticas para além de Bourdieu, como as seguidas por Maria Arminda do Nascimento Arruda, Marcelo Ridenti, Leopoldo Waizbord, Maria Alice Rezende de Carvalho, Ricardo Benzaquen etc. (Fernandes, 2017).

ensaístas, cientistas sociais e críticos literários no Brasil e na Argentina (1930-1970) (2014), parceria com o sociólogo argentino Alejandro Blanco. Jackson dedica-se, assim, à compreensão da vida intelectual, aos espaços de circulação de obras, ideias e agentes e às disputas simbólicas intrínsecas aos campos culturais e ao espaço social que lhes correspondem, tomando como principal inspiração teórica a sociologia de Bourdieu e, marcada-mente, sua roupagem *miceliana*.

Ademais, o Núcleo de Sociologia da Cultura da Universidade de São Paulo (NSC-USP), criado em 2015 por Sérgio Miceli, Maria Arminda, Fernando Pinheiro e Luiz Jackson, e por iniciativa de seus alunos, tornou-se um grupo expressivo da influência de Bourdieu. As pesquisas desenvolvidas por seus membros e as teses e dissertações defendidas por grande parte dos orientandos dos referidos professores são casos exemplares. Se buscadas no repositório da Universidade e analisados seus resumos, palavras-chave, sumários, referências bibliográficas e indicações metodológicas, se verá que os principais procedimentos de pesquisa se concentram na reconstituição do campo cultural específico e de suas instâncias legitimadoras, na análise de trajetórias, em prosopografias de grupos artísticos ou intelectuais, e na recepção e circulação de bens simbólicos. A nova geração demonstra, pois, o vigor do projeto.

Considerações finais

De um modo geral, então, pode-se dividir a trajetória da sociologia da cultura no Brasil em dois momentos, cuja demarcação tem a obra de Pierre Bourdieu como referência. Primeiramente, um *antes* da bem-sucedida recepção da obra do sociólogo francês, quando predominava no estudo de objetos culturais uma tradição interdisciplinar que adotava a sociologia como ponto de vista e que foi formada pelos professores da missão francesa na USP em interface com a tradição intelectual local. Essa tradição, como vimos, foi continuada, à margem da sociologia acadêmica, pelos alunos da instituição que haviam se reunido em torno da revista *Clima*, e depois por seus discípulos. Posteriormente, um *depois* da referida influência, através de mediadores como Sérgio Miceli e, em seguida, seus discípulos, espalhados por todo o Brasil ou reunidos em torno dele próprio no NSC-USP desde 2015.

Por um lado, a importância da influência bourdieusiana na sociologia da cultura no Brasil nesse segundo momento deve ser destacada principalmente para a consolidação e expansão das pesquisas na área, como aponta a literatura abordada sobre o assunto. Por outro, contudo, a secundarização analítica das formas e das linguagens artísticas pode ser apontada como um limite da maneira como a abordagem foi incorporada, deixando

de aproveitar satisfatoriamente o legado interdisciplinar da tradição brasileira anterior de crítica imanente das obras culturais de um ponto de vista sociológico. Embora seja possível questionar se essa limitação da sociologia da cultura bourdieusiana não lhe seria constitutiva, por conta, por exemplo, de noções que levam à recusa da ideia de um valor imanente ou objetivo às obras e à consideração das hierarquias de legitimidade como um produto das disputas e alianças entre agentes e grupos sociais, vale assinalar que mesmo Bourdieu e Miceli parecem reconhecer a necessidade de ir além de uma abordagem estritamente externalista para dar conta da complexidade e riqueza de significados das produções culturais como objeto de estudo. No caso do Brasil, como já argumentou anteriormente uma das autoras deste texto (Arruda, 2004), o exame continuado das obras culturais leva incontornavelmente ao enfrentamento dos mesmos problemas, relativos aos limites de nossa modernidade periférica, sinalizando assim para a conveniência de se reaproximar aquilo que um dia se tentou separar, a fim de melhor compreender esses problemas e, quem sabe, contribuir para superá-los.

Contribución de autoría

Maria Arminda do Nascimento Arruda participou en las fases de conceptualización, metodología, administración de proyecto, supervisión, validación, y redacción, revisión y edición del texto final.

João Rojek Halla participou en las fases de conceptualización, curación de datos, análisis de datos, investigación, metodología, redacción del borrador original, y redacción, revisión y edición del texto final.

Max Luiz Gimenes participou en las fases de conceptualización, curación de datos, análisis de datos, investigación, metodología, redacción del borrador original, y redacción, revisión y edición del texto final.

Rachel Tomás dos Santos Abrão participou en las fases de conceptualización, curación de datos, análisis de datos, investigación, metodología, redacción del borrador original, y redacción, revisión y edición del texto final.

Fuente de financiamiento

Autofinanciado.

Potenciales conflictos de interés

Ninguno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adorno, T. (2008). *Teoria Estética*. Edições 70.
- Alonso, A. e Pinheiro Filho, F. (2017). Instauración y desarrollo de la sociología de la cultura en Brasil. *Sociológica*, 32(90), 259-275. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305049930008>
- Arruda, M. A. do N. (1995). Sociologia no brasil: Florestan Fernandes e a escola paulista. Em S. Miceli (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. Vol. 2 (pp. 107-231). Fapesp.
- Arruda, M. A. do N. (2001). Trajetórias da sociologia da cultura no Brasil: os anos recentes. *Revista USP*, 50, 100-107. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i50p100-107>
- Arruda, M. A. do N. (2004). Pensamento brasileiro e sociologia da cultura: questões de interpretação. *Tempo Social*, 16, 107-118. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702004000100006>
- Arruda, M. A. do N. (2006). Maria Arminda do Nascimento Arruda. Em E. R. Bastos, F. Abrucio, M. R. Loureiro e J. M. Rego (orgs.), *Conversas com sociólogos brasileiros*. Editora 34.
- Arruda, M. A. do N. (2015a). *A Embalagem do Sistema*. EDUSP.
- Arruda, M. A. do N. (2015b). *Metrópole e Cultura. São Paulo no Meio Século XX*. EDUSP.
- Arruda, M. A. do N. (2022). Bourdieu à brasileira e a internacional científica. Em M. E. da M. Rocha (org.), *Bourdieu à brasileira*. Confraria do Vento.
- Arruda, M. A. do N. (2024). *Mitologia da Mineiridade. O Imaginário Mineiro na Vida Política e Cultural do Brasil*. Ateliê.
- Arruda, M. A. do N. e Goldenstein, G. T. (1975). A noite da Madrinha: Transfiguração simbólica e transfiguração teórica. *Novos Estudos CEBRAP*, 11, 124-141.
- Bastide, R. (1945). *Arte e sociedade*. Livraria Martins Editora.
- Bortoluci, J. H., Jackson, L. C. e Pinheiro, F. A. (2015). Contemporâneo clássico: a recepção de Pierre Bourdieu no Brasil. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, 94, 217-254. <https://doi.org/10.1590/0102-64452015009400008>
- Bourdieu, P. (1968). Campo intelectual e projeto criador. Em J. Pouillon (org.), *Problemas do estruturalismo* (pp. 105-145). Zahar.
- Bourdieu, P. (1974). *A economia das trocas simbólicas*. (S. Miceli, org.). Perspectiva.
- Bourdieu, P. (2000). *As regras da arte. Gênese e estrutura do campo literário*. Companhia das Letras.

- Braga, M. L. de S. (2000). A recepção do pensamento de Roger Bastide no Brasil. *Sociedade e Estado*, 15, 331-360. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922000000200007>
- Campos, L. A. e Szwako, J. (2020). Biblioteca Bourdieusiana ou como as ciências sociais brasileiras vêm se apropriando de Pierre Bourdieu (1999-2018). *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais - BIB*, São Paulo, 91(2), 1-25. <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/492>
- Candido, A. (1949). Sociologia: ensino e estudo. *Sociologia*, 11(3), 275-289.
- Candido, A. (1995). Significado de *Raízes do Brasil*. Prefácio. Em S. B. de Holanda, *Raízes do Brasil* (pp. 9-21). Companhia das Letras.
- Candido, A. (2002). Plataforma da nova geração. Em V. Dantas (org.), *Textos de intervenção* (pp. 237-250). Livraria Duas Cidades e Editora 34.
- Candido, A. (2006). A sociologia no Brasil. *Tempo Social*, 18(1), 271-301. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702006000100015>
- Candido, A. (2023). *O discurso e a cidade*. Todavia.
- Candido, A. (S. d.). A sociologia em São Paulo até 1954. Em L. C. Jackson e M. L. Gimenes (orgs.), *Outra vertente: estudos*. EDUSP; Ouro sobre Azul, no prelo.
- Cardoso, F. H. (1993). Livros que inventaram o Brasil. *Novos Estudos CEBRAP*, 3(37), 21-35. https://novosestudos.com.br/wp-content/uploads/2017/05/10_livros_que_inventaram.pdf.zip
- Catani, A. M. (2025). A recepção da obra de Pierre Bourdieu no Brasil: sociologia da educação e da cultura, mediadora(e)s e publicações - Dos anos 1960 aos dias atuais. Em Congresso Brasileiro de Sociologia, 22, São Paulo. SBS.
- Costa, E., Halla, J. R., Gimenes, M. L. e Abrão, R. (2025). Fernando Pinheiro, *O mago, o santo, a esfinge*. *Nuevo Mundo Mundos*. <https://journals.openedition.org/nuevomundo/99471>
- Farias, E., Couto, B. G. do e Rodrigues, T. (2020). A Sociologia da Cultura no Brasil em artigos (2008-2018). *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais - BIB*, 92, 1-36.
- Fernandes, D. C. (2017). Sociologia da Cultura no Brasil: uma interpretação. Em S. Miceli e C. B. Martins (orgs.), *Sociologia Brasileira Hoje*. Ateliê.
- Jackson, L. C. (2007). Gerações pioneiras na sociologia paulista (1934-1969). *Tempo Social*, 19, 115-130. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702007000100007>

Jackson, L. C. e Barbosa, D. P. (2017). Histórias das Ciências Sociais Brasileiras. Em S. Miceli e C. B. Martins (orgs.), *Sociologia Brasileira Hoje*. Ateliê.

Jackson, L. C. e Blanco, A. (2014). *Sociologia no espelho: ensaístas, cientistas sociais e críticos literários no Brasil e na Argentina (1930-1970)*. Editora 34.

Lopes, J. S. L. (2013). Touraine e Bourdieu nas ciências sociais brasileiras: duas recepções diferenciadas. *Sociologia & Antropologia, Rio de Janeiro*, 3(5), 43-79. <https://doi.org/10.1590/2238-38752013v352>

Mello e Souza, G. de. (2008). A Estética rica e a Estética pobre dos professores franceses. Em G. de Mello e Souza, *Exercícios de leitura* (pp. 9-41). Duas Cidades e Editora 34.

Miceli, S. (2001). Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945). Em *Intelectuais à brasileira*. Companhia das Letras.

Miceli, S. (2003a). Bourdieu e a renovação da sociologia contemporânea da cultura. *Tempo Social*, 15(1), 63-79. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702003000100004>

Miceli, S. (2003b). *Nacional estrangeiro. História social e cultural do modernismo artístico em São Paulo*. Companhia das Letras.

Miceli, S. (2007). Jorge Luis Borges: história social de um escritor nato. *Novos Estudos. CEBRAP*, 77, 155-182. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000100008>

Miceli, S. (2015). Prefácio. Em M. A. do N. Arruda, *Metrópole e Cultura: São Paulo no Meio Século XX*. EDUSP.

Miceli, S. (2018). *Sonhos da periferia. Inteligência argentina e mecenato privado*. Todavia.

Miceli, S. (2021). A recepção de Pierre Bourdieu no Brasil: circunstâncias e mediadores. *Sociologias Plurais, Curitiba*, 7(3), 14-27.

Miceli, S. (2022). *Lira mensageira. Drummond e o grupo modernista mineiro*. Todavia.

Miceli, S. (Org.). (1995). *História das Ciências Sociais no Brasil*. (2 v.). Sumaré e Fapesp.

Miceli, S. e Martins, C. B. (Orgs.). (2017). *Sociologia brasileira hoje*. Ateliê.

Moraes, W. D. B. (2025). La noción de experiencia en la sociología bourdieusiana: con y más allá de Bourdieu. *Desde el Sur*, 17(3), 1-25. <https://doi.org/10.21142/DES-1703-2025-0060>

Nogueira, C. M. M. e Nogueira, M. A. (2002). A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. *Educação & Sociedade, XXIII*, 15-36. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302002000200003>

Ortiz, R. (2006). Renato Ortiz. Em E. R. Bastos, F. Abrucio, M. R. Loureiro e J. M. Rego (orgs.), *Conversas com sociólogos brasileiros*. Editora 34.

Pinheiro, F. (2024). *O mago, o santo, a esfinge*. Todavia.

Pinheiro Filho, F. A. (2009). The Renovation: aspects of Pierre Bourdieu's reception in Brazil. *Sociologica, Bologna, 1*, 1-18. <https://scispace.com/pdf/the-renovation-aspects-of-pierre-bourdieu-s-reception-in-1yh5a4yc03.pdf>

Pontes, H. (1998). *Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-68)*. Companhia das Letras.

Pulici, C. (2008). *Entre sociólogos: versões conflitivas da condição de sociólogo na USP dos anos 1950-1960*. EDUSP.

Ramassote, R. (2022). Um culturalista brasileiro em Honduras: a antropologia 'deslocada' de Ruy Coelho. *Encyclopédie Bérosee des histoires de l'anthropologie*. <https://www.berose.fr/article2553.html?lang=fr>

Rocha, M. E. da M. (Org.). *Bourdieu à brasileira*. Confraria do Vento.

Santos, W. S., Gimenes, M. L. e Jackson, L. C. (2019). Roger Bastide, Antonio Candido e a tese interrompida sobre o cururu. *Estudos Históricos, 32*(67), 368-388. <https://doi.org/10.1590/S2178-14942019000200003>

Maria Arminda do Nascimento Arruda possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP) e mestrado, doutorado e livre-docência em Sociologia pela mesma instituição. É professora titular da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Atua principalmente nas seguintes áreas: sociologia da cultura, história social dos intelectuais, da literatura e das artes, sociologia da comunicação de massas e teoria sociológica.

João Rojek Halla possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP). É mestrando em Sociologia pela mesma instituição. Atua principalmente nas seguintes áreas: sociologia da arte e da cultura; sociologia da música, pensamento social e político brasileiro, marxismo, música popular brasileira, teoria sociológica e história social das artes, do pensamento e dos intelectuais.

Max Luiz Gimenes possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP) e mestrado e doutorado em Sociologia pela mesma instituição. Atua principalmente nas seguintes áreas: sociologia da cultura, da literatura e dos intelectuais, pensamento político e social brasileiro e história das ciências sociais no Brasil.

Rachel Tomás dos Santos Abrão possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É doutoranda em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Atua principalmente nas seguintes áreas: sociologia da cultura, sociologia do cinema, produção audiovisual e memória e ditaduras militares no Cone Sul.

Recepción: 29/9/2025
Aceptación: 1/12/2025